

A ESCRITA DE ASSIA DJEBAR EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO GEOPOÉTICO DE ÉDOUARD GLISSANT: UMA LEITURA DO ROMANCE LA FEMME SANS SÉPULTURE

Michelli da Silva Almeida¹

Véronique Dahlet²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre as relações entre paisagem, memória e linguagem na obra *La femme sans sépulture* (2002), da autora argelina Assia Djébar, à luz da noção de Geopoética cunhada pelo escritor, poeta e ensaísta martiniquense Édouard Glissant. Essas três dimensões (paisagem, memória/tempo e linguagem), que caracterizam a concepção de Geopoética glissantiana, desembocam numa visão mais complexa da realidade política e sociocultural do mundo e possibilitam a reconstrução da História para além dos registros oficiais. Dessa forma, pretende-se apresentar uma leitura do romance sob esse olhar glissantiano, que, por meio da Poética da Relação, busca apreender o real a partir dessas três dimensões essenciais de compreensão do mundo e, assim, reescrever, através de várias histórias possíveis, o passado de países marcados pela colonização, tal como a Martinica de Glissant e a Argélia de Djébar.

PALAVRAS-CHAVE: Geopoética glissantiana, Paisagem, Memória, Linguagem, Literatura.

THE WRITING OF ASSIA DJEBAR IN DIALOGUE WITH THE GEOPOETIC THOUGHT OF ÉDOUARD GLISSANT: A READING OF THE NOVEL *LA FEMME SANS SÉPULTURE*

ABSTRACT: This article aims to reflect on the relationships between landscape, memory and language in the work *La femme sans sépulture* (2002), by the Algerian author Assia Djébar, in light of the notion of Geopoetics coined by the Martinican writer, poet and essayist Édouard Glissant. These three dimensions (landscape, memory/time and language), which characterize the conception of Geopoetics, lead to a broader view of the political and sociocultural reality of the world and a possibility of reconstructing History beyond official records. In this way, it is

¹ Michelli da Silva Almeida é mestranda na área de estudos linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa de práticas discursivas e linguísticas com foco em processos de construção identitária. É graduada em História (2009) e em Letras (Português e Francês - 2018) pela FFLCH-USP e licenciada em História (2010) e em Letras (Português e Francês - 2022) pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP). E-mail: michelli.dsa@gmail.com

² Professora Titular pela Universidade de São Paulo. Doutorado em Letras Semiótica dos Textos e dos Documentos - Universidade de Paris VII (1990) e pós-doutorado na École Normale de Lyon (2011). Foi professora na universidade de Lublin (Polônia) e de Porto (Portugal), Professora Visitante na UFRN, na Universidade das Antilhas e da Guiana e na Universidade de Paris III - Sorbonne Nouvelle. Voltada, num primeiro momento, para a linguística do escrito (pontuação, sintaxe, ritmo) e a Didática das Línguas (aquisição da escrita), publicou "Ponctuation et Énonciation", 2003, Ibis Rouge Editora/ GEREC-F e "As (man)obras da pontuação. Usos e significações", 2006, Associação Editorial Humanitas/FAPESP, e dirigiu a publicação "Ciências da linguagem e didática das línguas", 2011, Associação Editorial Humanitas/FAPESP. Hoje, seus temas de pesquisa remetem à subjetividade e identidade dos sujeitos plurilíngues (autobiografias languageiras). Membro do Conselho editorial dos periódicos Semen/Revue de Sémio-linguistique des textes et discours (França), Sitientibus (UEFS) e TradTerm (USP). E-mail: vdahlet@usp.br

intended to present a reading of the novel under this glissantian gaze, which, through the Poetics of Relation, seeks to apprehend the real from these three essential dimensions of understanding the world and, thus, rewrite, through several possible stories, the past of countries marked by colonization, such as Martinique by Glissant and Algeria by Djébar.

KEYWORDS: Glissant' Geopoetics, Landscape, Memory, Language, Literature.

Preâmbulo

“As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história.”

(Roger Chartier, *A história ou a leitura do tempo*, 2010)

Tanto Assia Djébar (Cherchell, 30/06/1936 - Paris, 06/02/2015) quanto Édouard Glissant (Sainte-Marie, 21/09/1928 - Paris, 03/02/2011) são autores ainda pouco lidos e estudados no Brasil. Talvez a ausência de traduções de suas obras para o português explique, em parte, o desconhecimento, por parte do público brasileiro, desses dois escritores de língua francesa do século XX. Por isso, além do objetivo central de analisar a noção de Geopoética em *La femme sans sépulture*, de Assia Djébar, em diálogo com a obra ensaística de Édouard Glissant, este artigo também pretende contribuir, modestamente, para a divulgação em língua portuguesa da produção literária desses autores.

Trata-se de dois escritores de língua francesa, originários de países que foram colonizados pela França, que refletiram em suas obras - literárias, poéticas e/ou ensaísticas - sobre a questão da escrita na língua do antigo colonizador. Nascida na Argélia, Assia Djébar é considerada uma das escritoras mais importantes e influentes de sua geração, tendo sido a primeira escritora magrebina eleita para a Academia Francesa. A eleição de Assia Djébar, em 2005, pode ser lida como o início de uma quebra no sistema de dominação literária francês, que ainda caracteriza a Academia, apesar de, hoje, possuir outros (assim chamados) imortais não naturais do Hexágono. Os temas centrais da obra vasta e diversa de Djébar se concentram na emancipação feminina e na história da Argélia, sobretudo no período da Guerra de Libertação Nacional (1954-1962). Buscando problematizar questões culturais e linguísticas entre a França e a Argélia, a sua escrita literária tem como alicerce as relações entre realidade e ficção. Ao contemplar em sua escrita não apenas sua experiência pessoal, mas também a história de seu país natal e das mulheres muçulmanas argelinas, sua produção literária constrói um imaginário em torno da vida dessas mulheres ao carregar traços de tempos passados vividos tanto individualmente quanto coletivamente.

Já Édouard Glissant, nascido na Martinica, é um dos grandes nomes da literatura antilhana. Autor de ensaios filosóficos, romances, poesia e teatro, ele foi um grande pensador das relações humanas e dedicou-se a refletir sobre a colonização e seus efeitos nos países que sofreram com esse processo. Em sua obra ensaística, o ato de (re)imaginar o mundo, como veremos mais adiante, se destaca como o grande propósito do autor. De fato, a noção de geopoética constitui um modo muito inovador de pensar o mundo pela linguagem: a partir do imaginário seria possível construir uma poética que nos permitiria uma leitura de nossa existência no planeta e de nossa relação com suas paisagens, em diferentes tempos e espaços. Por isso, a imagem da paisagem, enquanto dimensão que constrói a história, é tão presente e importante na obra do poeta martiniquense, pois ela representa uma forma de

identificação do “eu” com o “outro” e uma abertura para a libertação dos povos através da construção de um imaginário coletivo produtor de sentidos para diversas realidades.

Da mesma forma que em Édouard Glissant, a paisagem do país natal também nutre o imaginário de Assia Djebar. O território argelino, enquanto espaço geográfico de suas narrativas, carrega uma certa subjetividade que revela aspectos autobiográficos na sua produção literária. Essa relação com o entorno é fundamental para a reescrita da história de Zoulikha, a mulher sem sepultura, ação essa de suma importância para recuperar uma (re)existência que, até então, era ignorada. Tal como defende Glissant, é necessário contrapor a “história verdadeira” à “história oficial” e, para tanto, a concepção de Geopoética mostra-se extremamente relevante para repensar a história de uma coletividade que emerge de uma paisagem compartilhada. Essa apreensão do real através da observação da paisagem e de sua relação com a história e a linguagem propicia a uma dada coletividade conhecer-se melhor e, assim, entender-se e abrir-se melhor para demais coletividades. Segundo Nabil Boudraa, “apreender o ‘real’ na obra de Glissant consiste, primeiramente, em realizar a observação da relação com a paisagem, pois apreender a linguagem da paisagem permite o conhecimento de si” (2016, p. 32, tradução nossa³). Vale dizer que a paisagem resulta do espaço instruído pela História. Assim, nossa análise do romance *La Femme sans sépulture* permite examinar o papel da literatura como releitura da história, o que envolve um trabalho poético de reescrita dessa história a partir da reconstrução da memória enquanto espaço de resistência, criando assim uma outra narrativa possível para além daquela já conhecida e difundida pelos livros de história.

Dessa forma, falaremos, primeiramente, da noção de Geopoética para Édouard Glissant, que é composta, segundo o autor, por três dimensões, a saber: a paisagem, o tempo e a linguagem (2007, p. 78-80). Neste trabalho abordaremos, sobretudo, a sua concepção de paisagem como elemento fundamental para pensar a relação entre culturas diversas, para depois analisar a referida obra de Assia Djebar sob o olhar glissantiano de relação com o entorno e de libertação por meio do ato poético - ação literária que se manifesta enquanto espaço de escuta e difusão de vozes que são constantemente silenciadas pela História.

Geopoética e paisagem em Édouard Glissant

“Qu'est-ce que le paysage ? », nous pouvons répondre : ce que nous gardons en mémoire après avoir cessé de regarder ; ce que nous gardons en mémoire après avoir cessé d'exercer nos sens au sein d'un espace investi par le corps. [...] S'agissant d'un ressenti, le paysage apparaît comme essentiellement subjectif. Il est lu à travers un filtre puissant composé d'un vécu personnel et d'une armure culturelle⁴.”

(Gilles Clément, *Jardins, Paysage et génie naturel*, 2012)

³ Todas as traduções de citações de obras da bibliografia publicadas originalmente em francês são nossas. “Appéhender le ‘réel’ chez Glissant consiste d’abord à faire l’observation du rapport au paysage, car appréhender le langage du paysage permet la connaissance de soi”.

⁴ “O que é a paisagem?”, nós podemos responder: é o que guardamos na memória depois que paramos de olhar; é o que guardamos na memória depois que paramos de exercitar nossos sentidos em um espaço ocupado pelo corpo. [...] Em se tratando de um sentimento, a paisagem aparece como essencialmente subjetiva. Ela é lida através de um poderoso filtro composto de uma experiência pessoal e de uma proteção cultural”.

Na sua bela aula inaugural no *Collège de France*, Gilles Clément, professor na *École Nationale Supérieure du Paysage de Versailles*, respondendo à questão “o que é paisagem?”, não poderia dialogar melhor com a definição apresentada por Édouard Glissant a essa dimensão que compõe sua concepção de Geopoética. Se, para Clément, a paisagem é o que guardamos na memória quando paramos de observar, para Glissant, ela é uma presença real do nosso imaginário, da nossa sensibilidade (2010, p. 20). Por isso, a paisagem também se constitui como sentimento e, enquanto tal, é subjetiva, sendo interpretada pela experiência pessoal e cultural de indivíduos e de coletivos. Para Glissant, “nós escrevemos na presença de todas as línguas do mundo. Nós as compartilhamos sem conhecê-las, nós as convidamos a compor a língua que usamos. A língua não é mais o espelho de nenhum ser. As línguas são nossas paisagens, que o impulso do dia transforma em nós” (1997, p. 85). No dizer de Glissant, a língua reflete o Diverso, a pluralidade de seres, assim, ainda que sejamos monolíngues, falamos/escrevemos na consciência da multitudine de línguas. Por isso, a paisagem constitui uma dimensão crucial para sua concepção da poética, já que Glissant considera fundamentalmente política a relação do espaço com o ato poético. Para o autor, “a fala está ligada a uma paisagem, a um tempo, mas ela tenta encontrar todas as paisagens e todos os tempos do mundo. É isso que configura seu caráter não fechado, seu caráter perpetuamente aberto” (2010, p. 63), e, assim, a linguagem consiste em uma possibilidade de abertura em relação ao real, tanto no tempo quanto no espaço, produzindo sentido através da construção de um imaginário que provoca reações, rupturas, transformações.

Considerando o passado colonial martiniquense, coberto pelo sangue de homens, mulheres e crianças que foram sujeitados a uma travessia forçada do Oceano Atlântico, da África para a América caribenha, podemos dizer que o tráfico negreiro arrancou dessas pessoas a sua terra-mãe e mutilou a relação existente com suas histórias, desapropriando-as, de certa forma, de si mesmas mediante o apagamento de suas memórias no tempo e no espaço. Os negros da África, sequestrados de suas terras e obrigados a desembarcar na Martinica, tiveram que reconstruir sua relação com o mundo nessa nova paisagem insular que é o Caribe. E na busca por uma identidade, fundamentada nessa nova realidade, tornou-se necessário construir uma consciência coletiva apoiada nessa paisagem, apropriando-se desse novo espaço. Assim, para o poeta que se propõe a revelar esse movimento em sua escrita, não se trata de fazer do ato poético apenas um relato da situação, mas também um resgate, uma tentativa de fazer emergir esse imaginário, essa forma de ver o real para além do visível imediato (pensamento rizomático), e fazer uso do poder poético para trazer à luz aquilo que antes estava escondido, dar voz ao que antes era silenciado e deixar ecoar o grito do que antes não tinha nome e que precisava ser nomeado para que pudesse, finalmente, existir. Dessa forma, a literatura, assim como a escrita ensaística de Glissant, tem esse papel de suscitar um futuro possível por meio da linguagem.

Vemos que a paisagem é portadora de verdade histórica e, por isso, precisamos nos voltar a ela para fazer com que o passado seja revelado e que a criação de uma poética coletiva seja possível. “A paisagem é, portanto, testemunha da História até o ponto em que ela mesma se torna história. [...] Glissant concebe a paisagem como uma duração, na qual o passado e o futuro coabitam”⁵ (BOUDRAA, 2016, p. 35). Para isso, considerando a concepção de Geopoética, é preciso relatar, dizer, redizer, e dizer novamente, para modificar os imaginários e mudar a rota (GLISSANT, 2010), sendo o poeta um agente fundamental nesse ato. Se a terra é testemunha do passado, a paisagem configura-se como espaço privilegiado

⁵ “Le paysage est donc témoin de l’histoire au point où il devient lui-même histoire. Glissant conçoit le paysage comme une durée, dans laquelle cohabitent le passé et le futur”.

e soberano de reconstituição e reconstrução da História. Em *L'Imaginaire des langues*, o autor explica a importância da paisagem nessa transformação do imaginário:

On ne vit pas dans l'air, on ne vit pas autour de la terre dans les nuages, on vit dans des lieux. Il faut partir d'un lieu et imaginer la totalité-monde. Ce lieu, qui est incontournable, ne doit pas être un territoire à partir duquel on regarde le voisin par-dessus une frontière absolument fermée et avec le sourd désir d'aller chez l'autre pour l'amener à ses propres idées ou à ses propres pulsions. Je crois que c'est un changement dans l'imaginaire des humanités que nous devons tous accomplir⁶ (2010, p. 42)

Nessa obra publicada em 2010, Glissant demonstra a necessidade de inventar novas maneiras de dizer a fim de que possamos encontrar outras formas de agir para, então, fazer aparecer o que estava, de certa forma, encoberto. Essa sua concepção do mundo aponta para o papel principal do poeta nesse movimento de trazer à superfície verdades até então soterradas, tais como um rizoma: algo que existe, mas, por encontrar-se submerso, não é visível de imediato, contudo, um olhar mais atento pode revelar, a partir do pouco que se vê, o que estava encoberto. Para tanto, é necessária uma reflexão sobre a presença tangível da paisagem em nosso imaginário, pois o “lugar” não se configura apenas espacialmente, mas temporalmente. A noção de “lugar” da qual fala Glissant é constituída de uma história compartilhada:

[...] le monde en devenir, le monde tel qu'il nous bouscule, le monde tel qu'il nous est obscur, le monde tel que nous voulons y entrer. En matière de politique, ma référence la plus haute était aussi le monde, non pas le monde conçu comme l'internationale des prolétaires, mais comme lieu de rencontre, de choc des cultures, des humanités. Bien évidemment, la rencontre la plus fondamentale fut le colonialisme⁷ (2007, p. 77).

Em *Pour une Littérature Monde*, o autor destaca essa atuação do poeta enquanto ser político que parte de um contexto concreto ao atuar em um lugar específico:

Le poète possède une clairvoyance car il est le seul à relier en profondeur poésie et politique. Il existe, bien sûr, des poètes militants qui écrivent des poèmes comme on écrit des tracts mais c'est ce que j'appelle la littéralité, des gens qui, littéralement, copient le monde. Or, ce qu'il y a de fondamental dans l'art, c'est le moment où on abandonne le littéral, la thèse, etc., et où on essaie de voir ce qui se passe au fond, ce que le poète est le seul à voir. Quand je dis le poète, je ne veux pas parler de celui qui écrit des poèmes mais de celui

⁶ “Não vivemos no ar, não vivemos ao redor da terra nas nuvens, vivemos em lugares. É preciso partir de um lugar e imaginar a totalidade-mundo. Esse lugar, inevitável, não deve ser um território a partir do qual se olha o próximo de cima de uma fronteira absolutamente fechada e com o desejo surdo de ir ao outro para trazê-lo às suas próprias ideias ou aos seus próprios impulsos. Eu acredito que é uma mudança no imaginário das humanidades que todos nós devemos fazer”.

⁷ “[...] o mundo em construção, o mundo tal como ele nos empurra, o mundo tal como nos é obscuro, o mundo tal como nós queremos entrar nele. Em termos de política, minha referência máxima era também o mundo, não o mundo concebido como a internacional dos proletários, mas como um lugar de encontro, de choque de culturas, de humanidades. Certamente, o encontro mais fundamental foi o colonialismo”.

qui a une conception du vrai rapport entre poétique et politique⁸ (2007, p. 84, grifo nosso)

O poeta, dessa forma, realiza um trabalho não apenas solitário, mas também solidário (*Solitaire et solidaire* é o título de um dos capítulos de *Pour une Littérature Monde*), ao ser capaz de ouvir o grito profundo do mundo e tentar modificar o seu imaginário. Contudo, Glissant deixa claro que apenas através do concreto o imaginário poderá se desenvolver. É preciso partir sempre do real, apesar de o trabalho literário configurar-se como espaço da subjetividade. Assim, podemos falar da função do escritor ante os conflitos do mundo e da literatura enquanto expressão de uma paisagem, de um cruzamento de tempo e espaço mediante o qual o ser humano se interroga e se imagina no passado, no presente e no futuro, em um caminho de descoberta de si e do outro. Já que o sujeito é significado pelo lugar onde vive, essa noção de paisagem cunhada por Glissant se faz fundamental para melhor compreender esse indivíduo (que também remete a um coletivo).

Isso posto, passamos agora para a reflexão sobre o papel da paisagem na obra *La femme sans sépulture*, romance no qual Assia Djebar teceu uma expressão geopoética da vida da heroína esquecida da Guerra de Independência Argelina (1954-1962), Zoulikha Oudai, ao construir uma narrativa com uma linguagem que recupera a memória de uma Argélia que esteve, por muito tempo, submersa, tal como um rizoma, em consequência do silenciamento das mulheres pela sociedade e do apagamento de seus feitos dos registros oficiais, logo, da história do país.

Paisagem e reescrita da História na obra de Assia Djebar

“[...] a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século 19 que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento”.

(Michelle Perrot, *As mulheres ou os silêncios da história*, 2005)

A literatura, enquanto instrumento artístico e sociocultural, atua como um meio para possibilitar a passagem de um testemunho oral a um suporte escrito, tornando possível o compartilhamento, em outros âmbitos, de experiências reais, sejam elas individuais ou coletivas. Ela compreende um movimento que, muitas vezes, configura-se a partir de uma impossibilidade, tal como: de não poder falar, de não poder se fazer ouvir ou, simplesmente, de não ser ouvido. Para Assia Djebar, esse impedimento que, por vezes, surge no seu processo de escrita seria como um grito que

⁸ “O poeta tem uma clarividência pois é o único a associar em profundidade poesia e política. Há, é claro, poetas militantes que escrevem poemas como se escrevem panfletos, mas isso é o que eu chamo de literalidade, pessoas que literalmente copiam o mundo. Ora, o que há de fundamental na arte é o momento em que se abandona o literal, a tese etc., e quando se tenta ver o que está acontecendo mais profundamente, o que o poeta é o único a ver. Quando digo o poeta, não me refiro àquele que escreve poemas, mas àquele que tem uma concepção da verdadeira relação entre poética e política”.

só se expressaria pelo silêncio: “na escrita, há uma espécie de impossibilidade; a escrita foge, é o grito que toma seu lugar, é o silêncio” (1996, p. 87). Sabe-se da necessidade de dizer, mas não se sabe muito bem como expressar esse grito por meio de palavras. Segundo a autora, “pode-se escrever em afasia, porque se perdeu a voz, mas espera-se, ao final das palavras, reencontrá-la, e ficar feliz em perceber não apenas os sussurros, mas os gritos que finalmente tomam o seu lugar” (GAUVIN, 2016, §36). Retomando as palavras de Glissant no que se refere à diglossia decorrente das colonizações, podemos dizer que Assia Djebar tem uma necessidade de expressar-se que se confronta com a impossibilidade de expressão na língua materna. Com isso, ao adotar a língua do colonizador como língua de escrita, observamos uma tensão linguística inerente à sua narrativa, fenômeno chamado por Glissant de “poética forçada” e por ele definido como uma necessidade de expressão que enfrenta uma impossibilidade de se expressar (1997, p. 32). No romance, Assia Djebar faz uso de palavras em árabe e em berbére, o que sugere essa impossibilidade de se expressar em língua francesa em determinados momentos de sua narrativa.

Em *La femme sans sépulture*, o trabalho de escrita busca remontar-se sobre a memória feminina para estabelecer uma reconstituição histórica, ou melhor, uma recuperação desse território que poderia ser reconstituído a partir do testemunho de mulheres que transmitiram suas memórias, oralmente, de geração para geração. Poderíamos resumir o enredo do romance com a seguinte passagem de um artigo de Lise Gauvin sobre a obra de Assia Djebar:

Le livre retrace l'itinéraire de Zoulikha, héroïne de la guerre de l'Indépendance algérienne surnommée la « mère des maquisards » qui fut portée disparue en 1957 après avoir été faite prisonnière par les Français. Autour de cette figure centrale s'élabore une parole chorale constituée par les confidences de celles qui l'ont côtoyée et soutenue, ses propres filles d'abord, ses parentes et amies ensuite, dont la biographie se confond avec l'histoire collective en cette période de bouleversements politiques et sociaux. À tour de rôle, les unes et les autres viennent ainsi témoigner des misères et des joies liées à leur engagement, des périls affrontés, des sacrifices consentis⁹ (2016, §16).

O próprio título, *La femme sans sépulture*, aponta para dois sentidos: o histórico e o simbólico. *La femme* designa, ao mesmo tempo, no nível específico, Zoulikha, a personagem histórica dada como desaparecida após ter sido feita prisioneira pelo exército francês, e, no nível genérico, todas as mulheres argelinas que caem na invisibilidade. Contudo, para Assia Djebar, a ideia de reparação histórica através da escrita consistiria em uma utopia, e o papel do escritor ante os conflitos do mundo não seria o de recuperar a história a fim de reparar a realidade presente, mas, sim, de testemunhar a memória de um tempo passado:

[...] à l'époque je vivais dans l'utopie que mon écriture était là pour réparer des ponts, des ponts cassés, pour refaire le lien entre des territoires où s'étaient creusées des fondrières. Pour retrouver à travers la mémoire affective, à travers les scènes d'enfance, à travers des scènes de femmes, les chemins disparus, ceux où passe l'amour. [...] Le rôle de l'écrivain est peut-être simplement de témoigner quelquefois de blessures... Puisqu'on parle de

⁹ “O livro refaz o itinerário de Zoulikha, heroína da Guerra da Independência da Argélia (1954-1962) apelidada de “mãe dos maquisards”, que foi dada como desaparecida em 1957 depois de ser feita prisioneira pelos franceses. Em torno dessa figura central é elaborada uma fala em coro constituída pelas confidências daquelas que a acompanharam e apoiaram, primeiramente suas próprias filhas, depois suas familiares e amigas, cuja biografia se confunde com a história coletiva desse período de convulsão política e social. Por sua vez, umas e outras vêm assim testemunhar as misérias e as alegrias ligadas ao seu engajamento, os perigos enfrentados, os sacrifícios consentidos”.

langue, je ne conçois pas l'identité, enfin le territoire de l'Algérie, autrement que dans un triangle linguistique. Les femmes, tout au moins telles que je les restitue, dans mon histoire familiale, sont des femmes tantôt qui fuient, parce que les passages ont été cassés, tantôt qui se situent sur ces chemins vulnérables où elles ont essayé de se maintenir¹⁰ (1996, p. 86).

Assia Djebar chegou a acreditar que sua escrita poderia reparar a história a partir da recuperação da memória das mulheres à sua volta. Entretanto, mesmo mudando de opinião, ao atribuir à literatura uma função de testemunha das feridas do passado, prevalece seu papel de “ouvinte-escriva”, o que permitiu a construção de um imaginário que ressignificou a imagem de mulheres argelinas diante de si e de seus leitores. “A maneira como imaginamos o mundo tem um impacto imediato na maneira como cuidamos dele” (CLÉMENT, 2012) e, por isso, o apelo memorial de uma poética abre novos caminhos para a compreensão do mundo. Considerando o contexto da Guerra de Independência da Argélia, ao proporcionar ao leitor o contato com outro imaginário, sua obra contribuiu para que outra perspectiva sobre esse momento histórico ganhasse espaço.

Em *La femme sans sépulture*, observamos um texto que expressa a vivacidade da fala cotidiana, utilizando palavras que revelam maneiras de dizer específicas e construções que ecoam do ritmo habitual de uma conversa. As marcas de oralidade estão presentes em toda a obra: nas réplicas dos diálogos, nos desvios de assuntos, nas repetições, nas suspensões e na reprodução de uma fala popular. E assim se repete com as marcas de historicidade: na construção do depoimento das testemunhas e na sua relação com a veracidade dos acontecimentos narrados. Cria-se na obra um espaço ambíguo que mescla registros escritos e orais, ficção e memória via História. O romance, dessa forma, se constrói nessa tensão entre memória e ficção, em um movimento dialético que ora nega, ora afirma a ficcionalidade a fim de reforçar a potência da narrativa. Esse movimento, aparentemente paradoxal, mostra como as obras de ficção “conferem uma presença ao passado, às vezes mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história” (CHARTIER, 2010, p. 21, grifo nosso).

Logo no início da obra, a autora adverte seu leitor sobre esse movimento no texto:

Dans ce roman, tous les faits et détails de la vie et de la mort de Zoulikha, héroïne de ma ville d'enfance, pendant la guerre d'indépendance de l'Algérie, sont rapportés avec un souci de fidélité historique, ou, dirais-je, selon une approche documentaire. Toutefois, certains personnages, aux côtés de l'héroïne, en particulier ceux présentés comme de sa famille, sont traités ici avec l'imagination et les variations que permet la fiction. J'ai usé à volonté de ma liberté romanesque, justement pour que la vérité de Zoulikha soit éclairée davantage, au centre même d'une large fresque féminine - selon le modèle des mosaïques si anciennes de Césarée de Maurétanie (Cherchell)¹¹ (2004, p. 7).

¹⁰ “[...] na época eu vivia na utopia de que minha escrita estava ali para consertar pontes, pontes quebradas, para restabelecer a ligação entre territórios onde foram cavados buracos. Para encontrar através da memória afetiva, através de cenas da infância, através de cenas de mulheres, os caminhos desaparecidos, aqueles por onde o amor passa. [...] O papel do escritor talvez seja simplesmente testemunhar às vezes as feridas... Já que estamos falando de língua, não concebo a identidade, enfim, o território da Argélia, a não ser em um triângulo linguístico. As mulheres, pelo menos tal como eu as reconstituo, na minha história familiar, são mulheres que ora fogem, porque as passagens foram quebradas, e ora se encontram nesses caminhos vulneráveis onde tentaram se manter”.

¹¹ “Nesse romance, todos os fatos e detalhes da vida e da morte de Zoulikha, heroína da minha cidade de infância, durante a guerra de independência da Argélia, são relatados com uma preocupação com a fidelidade histórica, ou, eu diria, segundo uma abordagem documental. Contudo, alguns personagens, ao lado da heroína, em particular aqueles apresentados como da sua família, são tratados aqui com a

Assim, observamos duas tensões atuando na narrativa: uma no plano da escrita, entre língua materna e língua historicamente imposta (ainda que escolhida pela autora, no âmbito dessa imposição); e outra no plano da História, entre memória e ficção. A narrativa tece um enredo que busca reapropriar-se do espaço, recuperando a história de Zoulikha por meio da linguagem literária e permitindo o advento da reescrita da História ao preencher lacunas da memória coletiva, retirando-a do esquecimento assim como das versões oficiais.

Essa tessitura do romance estrutura-se nos três pilares da geopoética glissantiana: a paisagem, o tempo e a linguagem. A paisagem está representada não apenas pelo território geográfico do país, mas também pelo espaço que as mulheres argelinas ocupam na sociedade; o tempo é o da guerra de independência da Argélia, que é reconstituído a partir de memórias históricas coletivas; e a linguagem, por fim, se constrói pela necessidade de se dizer o que parece impossível de se expressar e, com isso, Djébar cria uma linguagem forjada entre diferentes línguas (francês, árabe e bérbere) e registros (oralidade popular e escrita literária). Essas três dimensões são essenciais para compreender as mudanças e as impossibilidades vividas pelas mulheres argelinas a partir da reconstituição da história de Zoulikha. A própria autora, em entrevista a Lise Gauvin, fala da relação entre paisagem, tempo e linguagem no seu trabalho de escrita, ainda que pareça desconhecer o pensamento de Glissant:

J'ai compris peu à peu que ce n'étaient pas seulement des lieux géographiques et des mouvances que je restituais à travers ces personnages, mais des pertes et des gains de langues. Ces femmes, je les situais toujours dans des lieux-frontières et des passages linguistiques¹² (1996, p. 77).

A partir desse excerto do depoimento de Assia Djébar podemos analisar melhor a relação, na obra da autora, do ato poético com o seu entorno, para, então, refletirmos sobre o trabalho de reescrita da História através da reconstrução da memória como espaço de resistência que se contrapõe a uma narrativa histórica colonial e nacional única - e escrita por homens. *La femme sans sépulture* é um romance que se revela como espaço de escuta e difusão das vozes das mulheres árabes argelinas que foram silenciadas pela História.

Na obra, a presença da paisagem argelina é determinante. A paisagem é problematizada por referências não apenas geográficas, mas também linguísticas e históricas. A autora faz convergir elementos culturais diversos que correspondem à paisagem heterogênea marcada pela colonização. Recorrentes são as imagens que remetem ao deslocamento e desenraizamento, seja na história da heroína Zoulikha, seja no percurso da própria narradora-personagem. Recorrente, também, é a referência à “terra-mãe”, a Argélia, nas falas das personagens, de modo que os acontecimentos relativos ao espaço nacional tornam-se universais visto que tantos povos tiveram suas terras invadidas e dominadas. Essa referência é clara, por exemplo, nessa observação da personagem Dame Lionne:

Comme si ces Maltais, ces Européens d'ici, ils la connaissaient, la France. Ils l'appelaient “leur mère”, eux qui n'étaient de nulle part. Nous au moins, ajoute-

imaginação e as variações que a ficção permite. Eu usei da minha liberdade romanesca à vontade, justamente para que a verdade de Zoulikha seja melhor esclarecida, bem ao centro de um grande afresco feminino - baseado no modelo dos antigos mosaicos de Cesaréia na Mauritânia (Cherchell)”. Cherchell é o nome atual da cidade outrora chamada Césarée de Maurétanie.

¹² “Aos poucos fui compreendendo que não eram apenas lugares geográficos e movimentos que eu reconstituía por meio dessas personagens, mas também perdas e ganhos de linguagens. Essas mulheres, eu sempre as coloquei em lugares de fronteira e passagens linguísticas”.

t-elle avec vanité, pour nos fils, nous pouvons le dire : notre mère est sous nos talons, cette terre qu'ils ont cru nous enlever¹³ (2004, p. 22).

Enquanto no contexto do tráfico negreiro, objeto de análise de Édouard Glissant em muitos de seus ensaios críticos, os negros de África são arrancados de sua terra-mãe pelo europeu colonizador, no caso da colonização da Argélia, tema presente em diversas obras de Assia Djebar, os franceses tomam as terras dos argelinos, forçando-os a estabelecer uma nova relação com seu lugar de nascimento. Em ambos os casos, os povos dominados passam por processos impostos pelo colonizador que visam ao apagamento de suas memórias históricas e de suas práticas culturais, entre as quais o esquecimento de suas origens e até de suas línguas, resultando em um esvaziamento do ser. Nesse sentido, ao relatar a história da colonização de territórios como a Martinica ou a Argélia a partir de memórias subjetivas, o poeta ambiciona testemunhar as injustiças, violências e desgraças vividas por aqueles que foram silenciados ao sofrerem com as consequências do passado colonial. O ato de escrever permite reviver as feridas respeitando a memória do outro. Essa ação solitária, e também solidária do poeta (retomamos aqui o binômio glissantiano: solitário no processo de escrita e solidário através da escrita), resulta em possibilidades de novos caminhos a serem percorridos.

Para Assia Djebar, o papel do escritor não é o de porta-voz, mas, sim, o de ouvinte. Decorre disso a configuração paradoxal da instância narrativa em *La femme sans sépulture*. Com efeito, a narração é conduzida por tantas instâncias quantas são as personagens femininas. A multiplicidade de vozes narrativas se impõe, das quais a totalidade cria um entrelaçamento de pontos de vista, de experiências vividas e faladas, de tal modo que fica excluída a organização narrativa dirigida por uma só voz, uma só instância narrativa.

Em outra obra, *Femmes d'Alger dans leur appartement* (2004), a autora relata seu “trajeto de escuta” e seu compromisso com a reconstituição, através da escrita ficcional, das conversas que teve com tantas mulheres que compartilharam consigo as suas memórias:

Voici donc une écoute où je tente de saisir les traces de quelques ruptures, à leur terme. Où je n'ai pu qu'approcher telles ou telles des voix qui se hasardent dans le défi des solitudes commençantes. [...] Ne pas prétendre « parler pour », ou pire, « parler sur », à peine parler près de, et si possible tout contre : première des solidarités à assumer pour les quelques femmes arabes qui obtiennent ou acquièrent la liberté de mouvement, du corps et de l'esprit. Et ne pas oublier que celles qu'on incarcère de tous âges, de toutes conditions, ont des corps prisonniers, mais des âmes plus que jamais mouvantes¹⁴ (2002, p. 8-9).

A autora afirma seu compromisso em relatar o que é ser mulher, árabe e muçulmana, reverberando no presente as vozes femininas recuperadas do passado. Sua abordagem em relação à realidade dessas mulheres modifica o olhar sobre a Argélia indo além do discurso das mentes colonizadas, iluminando o povo argelino, sobretudo as mulheres, com um outro

¹³ “Como se esses malteses, esses europeus daqui, eles a conhecessem, a França. Eles a chamavam de “sua mãe”, eles que não eram de lugar nenhum. Nós, pelo menos, acrescenta ela com vaidade, para os nossos filhos, nós podemos dizer: a nossa mãe está sob os nossos calcanhares, esta terra que eles acreditaram ter tirado de nós”.

¹⁴ “Aqui está uma escuta onde procuro apreender os vestígios de algumas rupturas. [...] Não pretender “falar por”, ou pior, “falar sobre”, apenas falar perto, e se possível de frente: primeira das solidariedades a assumir para algumas mulheres árabes que obtêm ou adquirem a liberdade de movimento, corpo e espírito. E não se esquecer que aquelas que encarceramos de todas as idades, de todas as condições, têm corpos aprisionados, mas almas mais do que nunca em movimento”.

olhar. E ao recuperar essas experiências a partir do lugar de origem dessas mulheres, ou seja, dessa paisagem específica, ela cria um imaginário em torno dessas memórias.

Tanto a história de Zoulikha quanto a questão que envolve a Guerra de Independência da Argélia mantêm uma relação com a terra, de recuperação dessa paisagem. Por isso, Assia Djebar retorna à Césarée (hoje Cherchell) para contar a história da mãe dos *maquisards* (os combatentes da resistência). A narradora inicia a história contando sua ida à Césarée para gravar um filme sobre a história de Zoulikha, em 1976, mesmo ano em que Assia Djebar gravou o filme *La Noubia des femmes du mont Chenoua*. Podemos observar, nessa coincidência, uma certa correspondência entre a narradora e a autora do romance. O livro foi escrito mais de vinte anos depois do filme e acaba por retomar essa experiência de retorno da autora ao seu país de origem a fim de ressignificar a história da heroína de sua cidade natal. Esse retorno à “terra-mãe” é essencial para recuperar essa história, pois, como defende Édouard Glissant, o passado surge da paisagem.

Apesar dos lugares distantes, a forma de resistência contra o colonizador na Argélia e contra a escravidão nas Antilhas é similar. Nas Antilhas francesas, o *marronage*, que se refere à fuga das plantações e refúgio/esconderijo nas montanhas, consolidou-se como um lugar de resistência favorável para a luta. No caso argelino, o *maquis* também representava essa mesma paisagem, sinônimo de luta, refúgio e resistência, por se tratar de uma região de difícil acesso. A paisagem argelina era usada a favor dos *maquisards*, militantes-guerrilheiros, servindo como abrigo e refúgio aos combatentes.

Em Djebar, no decorrer da narrativa, os nomes das cidades, a descrição da geografia local, as especificidades dos espaços públicos e privados, tudo reforça o papel fundamental da paisagem para a construção do romance. Na verdade, esses aspectos espaciais funcionam como pontos de recuperação da história que está sendo contada. Como diz Glissant, é preciso nomear o que se cala; quando dizemos, nomeamos; quando nomeamos, o que foi dito passa a existir (1997, p. 196). No contexto de pós-guerra de independência da Argélia, Assia Djebar identifica a existência das mulheres nessa paisagem, as nomeia e cria um imaginário a partir de uma poética coletiva. A densidade poética, por sua vez, redireciona a História mediante histórias particulares da coletividade feminina. Dessa maneira, a força do dizer atua na libertação do não dito e conseguimos ouvir o que foi por tanto tempo silenciado pelos registros oficiais.

Conclusão

“[...] Conversations fragmentées, remémorées, reconstituées... Récits fictifs ou frôlant la réalité - des autres femmes ou de la mienne -, visages et murmures d'un imaginaire proche, d'un passé-présent se cabrant sous l'intrusion d'un avenir incertain, informel. [...] J'aurais pu écouter ces voix dans n'importe quelle langue non écrite, non enregistrée, transmise seulement par chaînes d'échos et de soupirs [...] mais toujours avec timbre féminin et lèvres proférant sous le masque”¹⁵.

¹⁵ “[...] Conversas fragmentadas, lembradas, reconstituídas... narrativas fictícias ou beirando a realidade - de outras mulheres ou minhas - rostos e murmúrios de um imaginário próximo, de um passado-presente que se ergue sob a intrusão de um futuro incerto e informal. [...] eu poderia ter escutado essas vozes em qualquer língua não escrita, não registrada, transmitida apenas por correntes de ecos e suspiros [...] mas sempre com timbre feminino e lábios proferindo sob a máscara”.

(Assia Djébar, *Femmes d'Alger dans leur appartement*, 2004)

Em *La femme sans sépulture*, Assia Djébar deixa claro, logo no início da obra, sua intenção em registrar a história de Zoulikha, ou melhor, em inscrevê-la na História. A literatura apresenta-se como a narrativa ideal para dar uma nova direção aos relatos fragmentados, rememorados e reconstituídos por meio de histórias particulares compartilhadas por uma coletividade de mulheres argelinas. No romance, os testemunhos femininos são transformados pela força do dizer para libertar o não dito que até então jazia no silêncio do esquecimento. É na dimensão literária que esse movimento performativo se estabelece ao dar lugar a essas vozes que têm tanto a dizer. Sabemos, além do mais, que se durante a guerra de independência foi possível observar diversas ações de emancipação feminina, considerando a organização e a participação das mulheres no conflito, após a independência, a condição feminina na sociedade argelina passa por um certo retrocesso, tal como observamos em contextos de guerra em vários outros lugares.

Dessa forma, nossa proposta de leitura da obra com base no pensamento geopoético glissantiano teve como objetivo mostrar essa atuação da literatura como meio de reescrita da História pela perspectiva da paisagem, tal como Glissant a problematiza. Lembrando-nos do que está em jogo em relação à paisagem, ao observá-la “como uma maneira de conceber-se, de conceber a sua relação consigo mesmo e com o outro” (GLISSANT, 2007, p.78), o poeta atesta, por meio da linguagem e a partir da paisagem, a relação inextricável do poético e do político. Em *La femme sans sépulture*, de Assia Djébar, vimos como a literatura pode renovar a abordagem do real e a compreensão do mundo, possibilitando que novos registros venham a reconfigurar a História.

Referências bibliográficas

- BOUDRAA, Nabil. “La Poétique du Paysage chez Edouard Glissant”. *Non Plus*, [S. l.], n. 9, p. 29-50, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/105714>>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução: Cristina Antunes. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- CLÉMENT, Gilles. *Jardins, paysage et génie naturel : Leçon inaugurale prononcée le jeudi 1er décembre 2011* [en ligne]. Paris : Collège de France, 2012. Disponível em: <<http://books.openedition.org/cdf/510>>. Acesso em: 11 de mai. 2021.
- DJEBAR, Assia. *Femmes d'Alger dans leur appartement*. Paris: Albin Michel (Livre de Poche), 2004, pp. 7-9.
- DJEBAR, Assia. *La femme sans sépulture* (2002). Paris: Livre de Poche, 2004.
- DJEBAR, Assia. “Territoires des langues : entretien avec Lise Gauvin”. *Littérature*, n°101, 1996. L'écrivain et ses langues. pp. 73-87; Disponível em: <www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_1996_num_101_1_2396>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- GAUVIN, Lise. “Statut de la parole et traversée des langues chez Assia Djébar”, *Carnets* [En ligne], 2ème série - n. 7, 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/carnets/908>>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- GLISSANT, Édouard. *Le Discours Antillais*. Paris: Gallimard, 1997.
- GLISSANT, Édouard. *L'imaginaire des Langues*. Paris: Gallimard, 2010.

GLISSANT, Édouard. "Solitaire et solidaire". In: LE BRIS, Michel & ROUAUD, Jean (org.). *Pour une Littérature Monde*. Paris: Gallimard, 2007, p. 77-86.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 9.

Recebido em: 14/02/2022

Aceito em: 26/05/2022

Referência eletrônica: ALMEIDA, Michell da Silva. DAHLET; Véronique. A escrita de Assia Djebar em dialogo com o pensamento geopoético de Édouard Glissant: uma leitura do romance *La femme sans sépulture*. *Criação & Crítica*, n. 32, p., jul. 2022. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm. aaaa.